

**FEIXES DE ARCO-ÍRIS:
UMA COMPREENSÃO ONTOLÓGICO-POLICRÔMICA
DA SENSIBILIDADE E SUA FRUIÇÃO NO FENÔMENO DO EDUCAR**

Miguel Almir Lima de Araújo*

01. Uma compreensão ontológico-policrômica da Sensibilidade

Lei do destino: que todos se aprendam.

Holderlin

No bojo da tradição de nossa cultura ocidental, o modelo de pensamento que traduz a idéia de *Ratio*, foi estruturado e sedimentado com muita intensidade, instituindo processos civilizatórios sistematicamente modulados e de modo predominante, nos auspícios do saber racional. Esse paradigma de saber, de conhecimento que se constitui como emblema de verdade foi estatuído por uma Razão pretensamente suficiente e pura, tendo como implicação o descuido e até a denegação da esfera do *Sensus*, da expressão do sensível, do senso de compreensão, da intuição, das afecções humanas – do espectro da Sensibilidade.

Na cultura e no existir humanos, a pertinência e a relevância da presença constitutiva da Razão (*Ratio*, *Logos*) é imprescindível como senso que potencializa a criticidade do pensamento, sua expressão como capacidade de discernimento e de indagação radical, como possibilidade de uma Razão que dialoga e que cria Sentidos. Porém, ao ser plasmada de forma isolada e desvinculada do *Sensus*, como se fosse o único modo de expressão e de constituição do saber e do conhecimento verdadeiros, a Razão incide em processos reducionistas que desqualificam a complexidade in-tensiva da inteireza do humano.

Essa supremacia da *Ratio* que a considera antagônica e superior ao *Sensus* desemboca em posturas caracterizadas por modos de expressão abstratos e mecânicos que privilegiam as esferas do cálculo e da técnica, da precisão e da determinação. Assim, prevalecem as lógicas calculistas em detrimento das expressões que revelam a plasticidade dinâmica do existir, dos fluxos sinuosos do vivido/vivente; da indeterminação e da imponderabilidade – estados ontologicamente constitutivos da complexidade da condição humana.

A instituição e a predominância dos paradigmas demasiadamente racionalistas estatui uma Razão monológica que se lastreia nos imperativos de conceitos universais imbuídos de abstração, desprovidos da nervura tensiva do vivido, da plasticidade da vida cotidiana. Essa

* Professor da UNEB e da UEFS. E -mail: malmir@uol.com.br

postura se configura em processos ascéticos de purificação do saber e da verdade que, assim, são articulados de modo incorpóreo e descontextualizado da pregnância do mundo vivido/vivente com suas tensões e contradições, com seus paradoxos e ambigüidades.

Os imperativos da racionalidade técnica e instrumental privilegiaram a lógica do cálculo – a Razão calculista – que tende a reduzir o humano à funcionalidade do *metron*, da medida; aos parâmetros da forma mecânica. Essa hegemonia forja lógicas monossêmicas que reduzem a complexidade do existir e da cultura apenas à esfera da retilinearidade e da mensurabilidade. Ao operar essa redução, essa postura recalca as in-tensidades das dimensões pregnantes do ser-sendo, do existir.

A tradição mítica do pensamento simbólico, mitopoético, que constituiu a Grécia arcaica, se estruturou mediante uma compreensão intuitiva, um *Logos*, uma Razão existencial que foi sendo gradativamente descartada com a ascensão e a hegemonia do *Logos* abstrato. Esse *Logos* privilegia “la esencia frente a la existencia (...) el ser estático frente al devenir dinámico” (ORTIZ-OSÉS, 2003, p. 88), caracterizando assim, uma Razão incorpórea, imbuída de apatia. Para Ortiz-Osés (2003, p.88 e 89) ocorre a passagem de “una filosofía dialógica como la socrática a una filosofía lógica como la platónica-aristotélica-clásica”. De um *Logos* existencial, *spermatikós*, que supõe pregnância e dialogia, para a universalidade desse *Logos* abstrato, que supõe monologia e verticalidade.

O *Logos* primordial, em sua acepção heracliteana, pode ser concebido como busca do Sentido anímico das coisas, do existir, no perscrutar o fundo sem fundo, no auscultar os enigmas que constituem os desvãos e paradoxos do humano (JAEGGER, 1989; LEÃO, 1991; COLLI, 1996a; HEIDEGGER, 2002). Assim, um *Lógos* ontológico que projeta vivacidade e admiração, que, em sua condição polilógica, indaga com abertura e radicalidade e penetra com in-tensidade no *claro enigma* da condição humana.

O *pathos* que se descortina no *thauma* é considerado por Platão e Aristóteles como impulso inaugural da Filosofia, como expressão movente que provoca o espanto e a admiração, que incide em nossa relação de perplexidade diante dos fenômenos, das coisas. Na órbita dos paradigmas que se tornaram predominantes em nossa cultura, o *pathos* passa a ser desqualificado e patologizado. Passa a ser tratado como zona sombria que desbota o espírito, o conhecimento verdadeiro. Essa patologização do *pathos* se traduz na repulsão às in-tensidades das afecções, dos sentires, do mundo sensível que, como força que co-move, desconserta e inquieta, deve ser controlada e enclausurada através do ascetismo das posturas que incidem em recalçamento e purificação.

O *Sensus*, como sentimento e como significação se estrutura, originariamente, a partir do *húmus*, do orgânico, da pregnância das *humidades* do ser-sendo. Se projeta na nervura da carne, no magma senciente de nossa corporeidade, no fremir das vivências humanas, a partir da plasticidade sinestésica da expressão originária dos feixes dos cinco sentidos – do pentassensorial – e dos perceptos que emergem de nossas camadas sensíveis mais sutis e vastas – o multissensorial (ZUKAV, 1992). Na proporção em que cuidamos das potencialidades do multissensorial tecendo a relação de coexistência e de interdependência existente entre os diversos perceptos, dos tons de suas singularidades, descortinamos a vastidão dos vãos de nosso universo sensível, urdimos os fulcros do espectro da Sensibilidade em suas dimensões seminal e anímica. Assim, o *Sensus* emerge dos horizontes do sensório, dos perceptos sensíveis, do senso intuitivo, em suas expressões mais pregnantes, se expande e se prolonga nos sentidos do imaginário, da consciência compreensiva, da Razão-Sentido.

Para Abbagnano (1962, p. 840), o sensível “é o que pode ser percebido pelos sentidos”, e a Sensibilidade está na “esfera das operações sensíveis do homem”, revela a “capacidade de receber sensações e de reagir aos estímulos (...), de participar das emoções alheias ou de simpatizar”. Barbier (2001, p. 136) concebe Sensibilidade como estado “que dá sentido a todos os sentidos” compreendendo “sentido como universo de significados existencialmente encarnado e não susceptível a uma explicação, mas somente a uma compreensão multirreferencial e transdisciplinar a partir de uma implicação pessoal” (BARBIER, 2001, p. 136 e 137). Assim, Sensibilidade como amálgama que agrega os sentidos perceptivos na composição da tecelagem dos Sentidos pregnantes e anímicos do existir.

A dis-posição do estado sensível nos possibilita o estar-sendo-no-mundo-com-os-outros, de modo encarnado e radical, mediante os processos de percepção e de compreensão em que podemos tocar, cheirar, escutar, saborear e olhar o mundo, bem como, conjuntamente, pensar, refletir/meditar através de nossa relação direta e originária com o mesmo. Essa disposição desemboca em formas de saber – *sapere* – imbuídas do elã do vivido-vivente que traduzem um “enraizamento dinâmico” nas curvaturas e funduras do existir.

Destarte, o universo do estésico, do sensível – o *Sensus* – se entretece, no dinamismo de sua plasticidade, como instância policrômica, como dis-posição de nosso ser senciente e pensante que, desse modo, pode vivenciar e compreender com vigor os fenômenos, a vida. Merleau-Ponty (1984, p. 228) proclama que “O sensível (...) como a vida, é um tesouro sempre cheio de coisas a dizer” na intensidade da *membrura*, da carnalidade do existir, “na juntura onde se cruzam as múltiplas *entradas* do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 235), nas dobras de suas encruzilhadas (grifos do autor).

Nessa perspectiva, o *Sensus* se traduz na expressão plástica dos perceptos sensíveis que plasmam as afecções, o imaginário, e que, conjuntamente e de modo implicado, plasma a consciência compreensiva, o senso meditativo, impregnando o existir de mais Sentidos, de Sentidos vivos e originários. Swimme (1996, p. 80) proclama que “o universo é sensível – é um reino de sensibilidade (...) da sensibilidade dos quanta”. Assim, quanto mais exercitamos as potencialidades sensíveis, mais e melhor podemos apreender, compreender e vivenciar a dinamicidade dos fluxos do universo, os ritmos sincopados do existir, das coisas; mais podemos cultivar nossas potencialidades admirantes, mirando com despojamento e implicação, com vivacidade e alumbramento.

Avento uma compreensão da Sensibilidade como estado de abertura para o indeterminado, para a incerteza, que nos leva às veredas do desconhecido, aos desafios inaugurais; aos processos de criação e de recriação em que as in-tensidades dos conflitos impulsionam o ser-sendo em suas metamorfoses renovadoras. Esse estado sensível nos arremessa nas travessias abertas das aventuras que nos arrepiam a cada momento e que instalam o advento da *eterna novidade do mundo*.

O cuidado com a Sensibilidade se traduz e se descortina na abertura despojada, na disposição de nossas potencialidades humanas, de nossos sentidos perceptivos, através da relação coexistencial entre a corporeidade e a espiritualidade e se desdobram em processos compreensivos e vivenciais. Processos que vislumbram a inteireza in-tensiva da condição humana. Dis-posição para a percepção, a apreensão e a compreensão dos fenômenos humanos, da complexidade e da inteireza do existir.

A plasticidade dos perceptos sensíveis impelida pelo *pathos* criante nos interpela para processos de percepção, de apreensão e de compreensão que mobilizam a imaginação criante, a consciência meditativa, a intuição, as afecções. Essa plasticidade evoca e con-voca o elã do espírito inventivo e da corporeidade que, de modo entrelaçado, fazem jorrar os Sentidos que constituem a teia simbólica do existir.

Nessa esfera, o cuidado com a Sensibilidade, desde o núcleo do *Sensus* – os sentidos e os Sentidos –, se traduz na imersão no coração das coisas mesmas, na implicação visceral com a pregnância do mundo vivido/vivente, mediante a fruição do senciente e do pensante interligados. Fruição que ocorre através da dinâmica in-tensiva do ser-sendo-com-os-outros, numa relação de abertura que implica na busca de compreensão dos paradoxos do humano.

O estado de dis-posição do espectro da Sensibilidade nos implica com os enigmas do ser, do existir e do co-existir; nos cumpliciza com as coisas que nos afetam – sem afetação –, de modo acolhedor, em que nos simpatizamos e nos empatizamos co-implicativamente. O

estado de solicitude da Sensibilidade incide numa atitude de não-resistência aos desafios do devir, de superação das posturas defensivas. Incide em abertura para os influxos dos fenômenos, para os fluxos tensoriais do existir. Esse estado nos con-voca por inteiro, de modo penetrante, para processos in-tensivos de buscas que incidem em desafios altaneiros; para a percepção e a ad-miração das silhuetas do existir mediante o mirar vasto e espirituoso da alma e do coração. Dessa forma, a abertura sensível faz emergir o pasmo do estado nascente que leva a processos ad-mirantes de encantação.

Levinas (1980, p. 167) ecoa: “a vida sensível se vive como fruição”, e “a fruição, satisfeita por essência, caracteriza todas as sensações cujo conteúdo representativo se dissolve no seu conteúdo afectivo”. Fruição que traduz as in-tensidades de nossa relação prenante com o mundo ao sorvermos suas texturas e porosidades, seus sabores e dissabores.

A esfera do sentir/sensível, não é nem apenas estimulante nem apenas coadjuvante, mas, sobretudo, estruturante nos processos de sedimentação do saber/conhecer, dos Sentidos, conjuntamente com a esfera do racional. O sentir e o inteligir são dois modos e níveis diferenciados de um mesmo processo de percepção, de apreensão e de compreensão. Existe uma co-determinação, uma co-implicação originária entre o sensível e o inteligível. Pensamos sentindo e sentimos inteligindo simultânea e alternadamente. A inteligência é um composto híbrido de senciante e de pensante. O sentir compõe e é inerente ao próprio inteligir.

Serres (1993, p. 16) realça que Sensibilidade é uma “palavra que significa a possibilidade ou capacidade em todos os sentidos (...) habita um lugar central e periférico: em forma de estrela”. A Sensibilidade constela possibilidades múltiplas de modos de relação e de fruição da vida, das coisas. Ela é rizomática na proporção em que agencia conexões e heterogeneidades, conjuntividades e movências de filamentos abertos “entre as coisas”, no “inter-ser”, em “seu movimento transversal (...) riacho sem início nem fim” (DELEUZE, 1995, p. 37) que se projeta escorrente nas curvas de seus fluxos.

Essa abertura, essa dis-posição de nossa condição de ser sensível, de nossa Sensibilidade, nos proporciona uma percepção penetrante da porosidade, dos ritmos, das ranhuras, das texturas, das espessuras, das dobras, da pulsação, das expressões viscerais do que é vivo, dos recurvamentos e das ambigüidades dos fenômenos, do existir, em seus estados de vibração e de movência. Os perceptos dis-postos nos levam a farejar, a apreender os fenômenos, as coisas, em sua pregnância originária. O olhar, o escutar, o tocar, o sorver, o cheirar que perfazem a percepção atenta e sensível nos dis-põem a perceber e a apreender com proximidade, desde dentro, as vicissitudes da heterogeneidade do vivido/vivente, em seus

flancos ponderáveis e imponderáveis, em suas *membruras* e *junturas*. Assim, podemos compreendê-los melhor, em seus limites e possibilidades, com expansividade, rigor e vigor.

A substância sensível – o *homo/húmus*, o *mundus sensibilis* – impulsiona o *pathos*, faz jorrar o *thauma* que impele o estado de perplexidade e de admiração. Provoca o espanto originário que arrepia e co-move, que instala momentos inaugurais na composição dos processos de compreensão e de invenção do existir, dos agenciamentos de Sentidos encharcados com o elã do anímico. Heidegger (2001, p. 25) fala do “espantar-se com o porvir do princípio”, do estado nascente e admirável das coisas. Afirma que “é preciso espantar-se diante do simples, e assumir esse espanto como morada” (HEIDEGGER, 2001, p. 229), como a morada extraordinária da singeleza do humano. Espanto que enreda perplexidade e que aponta para a radicalidade in-tensiva das buscas e dos desafios extraordinários.

Para Heidegger (1989, p. 21), o *pathos – paskhein* – conota “deixar-se con-vocar por”. Traduz o dispor-se, o abrir-se aos apelos que a relação de espantamento para com os fenômenos nos provoca em nosso ser-sendo-no-mundo-com. A plasticidade do sensível, da estesia, nos co-move, nos aproxima e nos adentra nas sinuosidades, nas reentrâncias e nos feixes pregnantes do vivido/vivente, nas curvaturas que cingem as trajetórias humanas; nos compele a ultrapassar os estados de anestesiamento que comprimem e desencantam o humano e nos enredam nas in-tensidades das coisas-sendo, do ser-sendo.

Muitas vezes, na trama das relações cotidianas, através dos influxos das experiências vividas, sobretudo no mundo contemporâneo, a esfera do sensível é veiculada e canalizada por práticas instituídas que tangenciam o corpo, as emoções, os sentimentos – a dimensão afecional – com propósitos de anestesiamento, de massificação e de controle. Numa sociedade que privilegia a lógica do mercado – a tecno-lógica, a mercado-lógica –, a supremacia do utilitário, da esfera do *ter*, com a onda avassaladora do consumismo que leva à consumação do próprio existir humano, as expressões originárias da Sensibilidade passam a ser aplastadas e homogeneizadas de modo grotesco levando a bestialização.

A Sensibilidade como estado de dis-posição pregnante e anímico, como feixes de arco-íris

Uma compreensão ontológico-policrômica da Sensibilidade a concebe como expressão originária e matricial (matriz geradora) do *Sensus* que implica e co-implica o senso noético, o horizonte dos Sentidos, a consciência compreensiva, e o senso afecional, a textura da corporeidade, o elã do *pathos*. Sensibilidade como estado pregnante e anímico que emerge

desde dentro, das nascentes do existir, que se traduz na radicalidade e na amplitude da disposição e da abertura existenciais para as *transitudo*s do ser-sendo. Dis-posição que proporciona a compreensão e a vivência da inteireza do ser-sendo no dinamismo de suas intensidades e incompletudes. Esse estado de dis-posição e de despojamento nos con-voca para os processos de implicação e de co-implicação para com os fenômenos, para com os influxos do jogo que se faz jogante do existir, do co-existir; para o cuidado e o desvelo com a heterogênese do entramado da condição humana.

Nesse horizonte compreensivo, a Sensibilidade é concebida como estado de disposição do corpo e do espírito, como constitutivos ontológicos da inteireza híbrida do ser-sendo, que, de modo coexistencial, nos conduzem à fruição do *sentimento do mundo*, ao sentimento oceânico como expressão de sua vastidão incomensurável. Desse modo, com o farejar dessa abertura empática da Sensibilidade, podemos perceber, sentir e fruir o estado de entrelaçamento que nos interliga com todos os seres do universo/pluriverso, mediante o elã da sinergia que nos interpenetra e que nos implica com a *anima mundi*. Assim, podemos compartilhar a sutileza dos sentimentos que nos sinergizam com todos os seres do universo; podemos nos enredar na *simpatia do todo*.

A Sensibilidade se configura no estado de abertura estética que implica inerência e aderência ao coração da experiência vivida/vivente e incide na expressão do pasmo que espanta e se desborda na ad-miração. Ad-miração que nos co-move diante das in-tensidades e da plasticidade dos fenômenos, do existir. Estado que nos con-voca e nos implica por inteiro para processos de coexistência; que leva a perceber e a compreender as reentrâncias do emaranhado que perfaz a teia mestiça dos fenômenos do existir; que se descortina numa abertura *auroréscente* para a crepuscularidade do ser-sendo, em sua radicalidade originária, em seu fundo sem fundo. Abertura para a trama de seus cruzamentos e hibridações, de seus paradoxos e enigmas, e que nos impulsiona no ritmo dos fluxos tensoriais do existir.

Os feixes que plasmam a aragem da Sensibilidade nos arremessam nos flancos do aberto, desse fundo sem fundo que revela vastidão incontornável. Propiciam o estado de abertura originária e indeterminada para o suceder dos acontecimentos, das *coisas sendo*, dos fluxos das contingências do existir. Os estados de despojamento e de dis-ponibilidade do espírito e do coração nos lançam nas curvaturas das travessias e das *itinerrâncias* do ser-sendo; nos levam a per-correr os riscos dos desafios que co-movem e implicam em posturas audaciosos na *transitude* das escorrências movediças do existir. Assim, o cuidado com a Sensibilidade nos conduz à percepção e à compreensão do arco de nossos limites e possibilidades existenciais, de nossas fragilidades e forças, de nossas incompletudes; nos leva

a identificar nossas próprias insensibilidades. Nos torna não-indiferentes diante da dramaticidade das contingências, das dores do mundo, da *tragicomicidade* do humano.

Sensibilidade como estado com-preensivo que nos precipita no transitar pelos caminhos do deserto, sob o regime do solar, com suas trajetórias mais contornadas, e, conjunta e implicadamente, no transitar pelas veredas da floresta, sob a penumbra do lunar, com suas trajetórias mais incontornáveis. Assim, o espectro da Sensibilidade nos incursiona pelas encruzilhadas de Sentidos dos entre-lugares existenciais constituídos por desertos e por florestas, pela aragem do lusco-fusco, da penumbra, do *solunar*.

Nessa perspectiva, uma compreensão da Sensibilidade que, mais que ontológica deve ser *ontosófica* como procura permanente da *phronesis*, da sabedoria que se traduz na busca da compreensão e da vivência dos Sentidos humanos primordiais. Procura que se processa ao penetrarmos nos entrelaces da rede policrômica que plasma a inteireza do ser-sendo-com, nas in-tensidades de seu dinamismo existencial e coexistencial. Rede que é constituída da tecedura e das estampas que imbricam as in-tensidades das trepidações e dos rasgos da tragicidade do existir (caos) e de sua placidez e remanso (cosmos).

Sensibilidade como estado de percepção, de compreensão e de vivenciação que interpenetra a multiplicidade de nossos “agregados sensíveis”. Ou seja, em que todos os sentidos se interpenetram e se constituem mediante o dinamismo do jogo co-implicado de suas interrelações; em que, intrinsecamente, estes se entrecruzam e se dis-põem na *juntura*. *Juntura* em que um senso está contido e entrelaçado no outro e os mesmos coexistem recursivamente. Desse modo, compreendo a Sensibilidade como o constelar dos feixes que amalgamam os diversos sentidos mediante o e-lã sinérgico que os interliga e os faz desbordar.

Esse cuidado com o dinamismo do espectro da Sensibilidade implica no cultivo de um senso fino e acurado de percepção e de compreensão que nos conduz ao *esprit de finesse* como estado de fruição da fineza do ser, da delicadeza do ser-sendo. Estado que, assim, aguça o senso perspicaz de discernimento e de compreensão da constituição híbrida dos fenômenos e do existir; fomenta o senso espirituoso e afetual que, ao com-preender, se implica e se co-implica com o existir e com as coisas, com os fenômenos e os seres, com cordialidade e simpatia, com desprendimento e generosidade. Estado que, portanto, proporciona o cultivo do *sentimento do mundo*, da *simpatia do todo*.

Na mitologia grega, Hermes representa a ponte, a encruzilhada, o deus estradeiro que interliga e entrecruza, o condutor de almas. É o mediador entre os deuses e os humanos. Íris traduz o arco-íris como expressão exuberante que, em sua policromia inefável, estampa os tons mestiços que trançam e interpenetram as dimensões diversas do existir e da cultura

humanas em sua *unitas multiplex*. Íris representa o arco de união entre o céu e a terra, entre deuses e humanos. “A Íris é a flor primaveril” que estampa a cromaticidade de seus matizes entrelaçados (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1994, p. 507; BRANDÃO, 2000).

Nesse prisma de compreensão, a Sensibilidade é hermesiana e *arco-írica* ao se configurar como espectro de uma ponte, de uma encruzilhada que entrelaça e interpenetra as policromias e polifonias dos Sentidos humanos mediante processos pregnantes e anímicos de percepção, de compreensão e de vivenciação do existir, do co-existir. A Sensibilidade traduz a in-tensidade da coexistência originária entre a abertura dos sentidos e da inteligência, entre Intuição e Razão, entre *anima* e *animus*, entre o micro e o macrofísico, entre luzes e sombras, entre o singular e o plural. Daí seu estado, sua condição e sua estrutura *êntrica*, sua pertinência como metáfora da androginia.

Dessa forma, o cuidado com a Sensibilidade se configura como a busca de um perceber e de um compreender *arco-írico* e hermesiano que desborda as ressonâncias da policromia de seus feixes. Feixes que traduzem as interpenetrações das silhuetas dos matizes que estampam o existir e o co-existir. Uma compreensão hermesiana e *arco-írica* que re-vela a plasticidade dos fenômenos humanos nos fluxos tensoriais que se plasmam na composição de sua *harmonia conflitual*. Compreensão que, assim, afirma a inteireza in-tensiva das encruzilhadas mestiças do existir e do co-existir, de sua *unitas multiplex*, na hibridação iridescente que amalgama o pregnante, a terra – o ctônico – e o anímico, o céu – o urânico.

Essa plasticidade do espectro da Sensibilidade constela o estado de abertura *arco-írica* do espírito e do coração da androginia de nosso ser mediante o vicejar da coexistência entre a espiritualidade e a corporeidade; se traduz na compreensão e na vivência da inteireza in-tensiva do ser-estar-sendo ao deflagrar possibilidades múltiplas do ser-si-mesmo-com-os-outros, na cotidianidade do mundo vivido/vivente, mediante o dinamismo da *entreidade*, pelas sendas nômades dos entre-lugares.

Assim, Sensibilidade como mirada e como morada constelada de policromias e de polifonias que descortinam o estado pregnante e anímico de dis-posição de nossos sentidos afecionais e noéticos. Dis-posição para uma com-preensão e uma vivência vasta e funda nas in-tensidades da teia do ser-sendo-com-os-outros através da fruição de Sentidos con-sentidos em nossa condição de co-pertencimento planetário – uma *ecosensibilidade*.

02. Os fulcros magmáticos da Sensibilidade

Nas meditações acerca de uma compreensão ontológico-policrômica da Sensibilidade, compreendo que a presença pregnante e anímica da Corporeidade, da Afetividade, da Intuição, do Mitopoético e da Razão-Sentido se constitui como compósito de fulcros estruturantes e primordiais nos processos de sua plasmação. Esses eixos magmáticos que compõem o dinamismo e a policromia dos feixes da Sensibilidade humana apresentam características próprias e constitutivamente se entrelaçam e são recursivos na composição dinâmica e in-tensiva de sua coexistência.

A *Corporeidade* se configura no estofo do corpo bioculturalmente constituído, de forma orgânica e simbólica. O corpo orgânico vibra na pregnância da carne, projeta feixes de energias e afecções. O corpo simbólico amalgama valores e Sentidos existenciais impregnados de ambigüidades. Corpo como *húmus* nutriz; como morada viva; como fonte e nascedouro do ser-sendo, dos Sentidos existenciais. Corpo que respira, sente, pulsa, irradia, dança e celebra; que projeta o elã vital e que constela as in-tensidades do existir na pregnância de seu *pathos* criante. Corporeidade como expressão do corpo próprio na constituição de sua androginia que, com suas ambivalências, se compõe, orgânica e simbolicamente, de masculino e de feminino, de carne e de espírito como instâncias coexistentiais. Corpo que, mediante os fluxos magnéticos de suas energias, descortina feixes de sinergia que plasmam a intercorporeidade. A plasticidade da corporeidade compõe a inteireza in-tensiva do ser-sendo, constela Sentidos pregnantes e anímicos.

A *Afetividade* traduz nossa dis-posição afecional, na expressão das emoções e sentimentos que dão cromaticidade e vivacidade ao existir. A constituição orgânica e anímica das afecções se traduz nos estados de humor mediante os fluxos das sensações, emoções e sentimentos; dis-põe corpo e alma no suceder das ações. A afetividade revela a presença do *pathos* co-movente mediante os impulsos das afecções que, com o seu dinamismo rítmico, nos en-volve por inteiro, dá animosidade ao viver cotidiano. O cuidado com a Afetividade se traduz na expressão de nosso ser *pático* e vivaz, no despontar das relações de simpatia e de empatia como expressão de sinergia, de aconchego cordial e tingido de prazer. Supõe a dis-posição para o acolhimento, para a atitude fra-terna; para o laço co-implicativo do abraço que entrelaça. O elã da afetividade infunde vigor e graça ao existir, ao co-existir.

A *Intuição* revela nosso senso de percepção mais interno e originário que emerge de nossa relação direta e imediata com os fenômenos. O senso intuitivo flecha o coração da experiência, supõe o farejar penetrante, a escuta e o olhar desde dentro, dos desvãos dos

silêncios e ruídos de nossa interioridade. A intuição nos aproxima mais de nós mesmos, de nosso impulso vital, da disformidade do mais íntimo de nossa singularidade. Os *insights* intuitivos se projetam diretamente das camadas internas do ser-sendo, trazem percepções que revelam o tino da sutileza, mobilizam o espírito e a imaginação criantes. O senso intuitivo é estruturante na teia da polissemia dos Sentidos do existir.

O *Mitopoético* constela o nosso campo imaginal, o espectro simbólico que compõe nossos imaginários mediante os entrelaces de seus Sentidos anímicos. Borda o dinamismo das imagens-feixes que implicam a plasticidade polifônica dos símbolos míticos e o desbordar do elã do estado poético. Símbolos que entretecem a teia mestiça do existir e que nutrem o onírico, a fantasia, o jogo, o dionisíaco. O mitopoético plasma o admirável, a dimensão estética da vida; constitui os tesouros vivos dos arquétipos primordiais que perfazem os mananciais de sabedorias da humanidade. A potência interligante do mitopoético nutre e inspira *anima* e *animus*, urde nosso existir andrógino. O mitopoético impulsiona o *pathos* da imaginação criante, traduz a festa do espírito que dança na plasticidade do corpo, faz jorrar e fruir a poeticidade do humano.

A *Razão-Sentido* se origina do *Sensus* como sentimento, sensível, e como significação existencial. Traduz a expressão de uma Razão meditante que, com seus sentidos de espirituosidade e de dialogicidade, enreda um lastro largo de criticidade aberta e de compreensão anímica. Que não apenas procura entender, discernir e interrogar, mas, sobretudo, com-preender, se implicar, ou seja, meditar pensando e sentindo ao estabelecer uma relação de cumplicidade com os seres e com os fenômenos garimpando seus Sentidos. A Razão-Sentido configura a potência de um pensamento encarnado, tocado de inventividade, de um espírito altaneiro que revela as in-tensidades do existir, que faz jorrar Sentidos anímicos; interroga com radicalidade, se interroga a si mesma; decanta Sentidos existenciais; plasma a polifonia dos Sentidos pregnantes e anímicos.

03. O fenômeno do educar como um rito de iniciação ao advento da Sensibilidade

Compreendo o educar como ação que se descortina nas mais diversas instâncias de nosso estar-sendo-no-mundo-com-os-outros, desde as esferas mais institucionais e formais como a Família, a Escola, as Igrejas, as Associações, as ONGs etc., às esferas mais aleatórias e informais nos influxos do co-existir cotidiano. Portanto, as meditações que são plasmadas nesse texto se norteiam nessa compreensão pluralista de educar, e pontuam, sobretudo a

especificidade da ação educativa nas práticas das instituições escolares/acadêmicas. Porém, analogicamente, essas meditações também atravessam as demais instâncias educativas considerando as similaridades que existem entre estas, apesar de suas diferenças, no transcurso de nosso processo civilizatório.

Há duas vertentes etimológicas que apresentam conotações distintas para o vocábulo Educação/educar que são as expressões latinas *educare* e *educere* (DEBESSE e MIALARET, 1974; FULLAT, 1995). *Educare* significa ação de formar, nutrir, guiar e instruir. *Educere* conota tirar para fora de, conduzir, levar e criar. *Educare* apresenta características mais externas que configuram uma ação de cunho instrucional, de transmissão de saber que se processa de modo assimilativo. Refere-se mais à formação técnica. *Educare* implica em posturas mais funcionais que concebem o educar como processo de transmissão, de reprodução de saberes e de valores instituídos, de modo relativamente estático e mecânico.

Educere incide em processos educacionais que emergem desde dentro, que, com seu dinamismo e in-tensidade, fomentam o espírito de criticidade e de inventividade, o senso intuitivo e a imaginação criante dos indivíduos. Processos que também implicam na transmissão e na assimilação dos saberes e dos valores instituídos, mas, sobretudo, implicam em sua expansão, criação e recriação, nas in-tensidades dos fluxos moventes da cultura, através da renovação e da instituição de novos saberes e sentires. Desse modo, a ação de educar incide no cuidado com a iniciação aos Sentidos humanos, de modo teórico e vivencial. Descortina processos que fomentam as potencialidades criantes de cada indivíduo imerso em seus contextos culturais, em seu *ethos* vivo, redivivo.

Nessa esfera, o educar se configura como ação dinâmica e in-tensiva dos indivíduos e grupos que articula seus saberes e sentires mediante os influxos de seus repertórios culturais. Ação que ao se nutrir desses acervos culturais implica no cuidado com a iniciação aos valores humanos nas in-tensidades de nosso estar-sendo-no-mundo-com-os-outros; que supõe processos constantes de aprendizagem e de co-aprendência dos Sentidos do existir humano.

O eixo semântico de *educere* traduz processos de condução. Ou seja, partindo do lugar existencial em que estamos circunscritos no mundo, na contextura dos entre-lugares, somos impulsionados às aventuras das buscas e descobertas, dos processos de renovação e de criação de valores e de Sentidos que afirmam e robustecem a condição humana. Assim, educar traduz uma aventura inaugural, alterativa, no horizonte aberto dos Sentidos. Nesses fluxos, mobilizamos as potencialidades criantes de nossas singularidades proporcionando a afirmação e a construção dos Sentidos do existir, da saga aberta de nossa destinação no mundo.

Con-duzir conota caminhar com, co-participar dos processos, dos deslocamentos, das travessias, de modo co-laborativo. Portanto, não significa uma postura de passividade e de apatia em que alguém, de modo vertical, impõe saberes sobre os outros, monológica e autocraticamente. Educar supõe a química do aprendizado das relações, da relacionalidade, de modo horizontal e co-implicado, em que os envolvidos na ação co-operam e co-participam dialogicamente, mediante os matizes das singularidades e as inter-relações das diferenças nas in-tensidades dos processos de co-aprendência. Assim, muito mais que *ensinança* educar conota aprendência, co-aprendência. Toda aprendência, em seu sentido mais vasto, traduz co-aprendência, em níveis diferenciados, nos interfluxos das relações de coexistência.

Aprendência e co-aprendência supõem com-partilhamento de sentires e de pensares, dos modos diversificados do ser-estar-sendo, da pluriformidade das condições do existir. Com-partilhamento de cosmovisões e de posturas singulares e plurais dos repertórios dos saberes e sentires que constituem a complexidade da condição humana.

Educação como rito de iniciação implica numa compreensão da mesma como ação viva, tecida de modo teórico e vivencial, nos processos de afirmação e de renovação dos Sentidos humanos. Ou seja, através da articulação de saberes/conteúdos (repertórios culturais), de processos de meditação e de ruminação teórica, e conjuntamente, de forma simultânea e alternada, através de experiências vivenciais em que os saberes são mediados por momentos e processos de fruição em que o corpo e o espírito copulam com in-tensidade. Inspirado nas sabedorias de seu povo indígena, Munduruku (2002, p. 72) proclama que “Aprende-se a tradição vivendo-se a tradição. A fórmula é simples, é a fórmula do exemplo”, da experiência vivida/vivente com seu poder educativo incontornável.

Assim, podemos tecer saberes (*sapere*) que incidem em buscas de sabedorias que podem ser sorvidas na pregnância das vivências cotidianas. Aprendemos e compreendemos de forma mais intensa aquilo que atravessamos e que nos atravessa por inteiro, na calidez e na nervura das experiências vividas/viventes. Martins (1992, p. 85) realça que “Somente o que é aprendido por meio da experiência e pessoalmente apropriado será verdadeiramente conhecido”. Aprendência como apropriação e reapropriação singular de Sentidos provados pelos sentidos perceptivos do corpo e do espírito.

As ações de educar que se configuram como ritos de iniciação são realizadas de modo teórico-vivencial e proporcionam aprendências que nos marcam por inteiro, através das mais diversas formas de vivenciação destes, em que corpo e espírito se enredam de modo coexistencial. Essas iniciações mobilizam de forma ampla nossos sentidos perceptivos e

compreensivos, bem como, nossa imaginação e espírito criantes para as in-tensidades dos desafios e buscas, para a sedimentação e a criação de Sentidos anímicos.

O que nos atravessa desde dentro mobilizando a corporeidade, a pregnância dos sentires, e de modo implicado, a consciência compreensiva, a espiritualidade, inspira e infunde o elã do anímico, a polifonia dos Sentidos do existir. Ao ritualizar, re-atualizamos, elaboramos e perlaboramos internamente, de modo pregnante e anímico, operando a fruição das aprendizagens, da afirmação, da criação/dos Sentidos. Assim, os sentidos perceptivos e compreensivos, a consciência e o imaginário ruminam e decantam projetando saberes e sentires encarnados, impregnados de elã vital. Saber eivado de *sapere*, encharcado de *húmus*, que tem o gosto da pregnância do viver e que implica na busca espirituosa de sabedoria.

Essa ritualização desborda in-tensidades germinais que nos mobilizam nos processos de invenção e de criação; dão cromaticidade aos Sentidos, ao existir. Leva ao cuidado atencioso com os valores primordiais do ser-sendo-com-os-outros; às aprendizagens e às co-aprendizagens da fineza do ser. Naranjo (2005, p. 138) afirma que “la educación necesita volver a ocuparse de la dimensión profunda del ser humano”, de sua condição anímica.

03.1 - A predominância das práticas educativas instrucionais

As práticas educativas instituídas em nossa sociedade se configuram, de modo predominante, como práticas instrucionais na proporção em que privilegiam a pragmaticidade e a funcionalidade vislumbrando a (in)formação técnica dos indivíduos para o exercício de suas funções profissionais, de seus papéis sociais. Dessa forma, as práticas instrucionais se caracterizam como processos mecanizados de transmissão dos saberes tecnocientíficos instituídos através de procedimentos de natureza técnica e instrumental em que as demandas do *ter* são superestimadas em detrimento dos valores do *ser* incidindo em processos sistemáticos de desumanização. Investe-se em processos instrucionais de caráter informativo que funcionalmente instruem os indivíduos para o cumprimento de seus papéis sociais. Papéis que, em si mesmos, se configuram como representações externas, como máscaras que projetam os modelos empadronados pelas instituições sociais.

Desse modo, as práticas instrucionais “preparam” “recursos humanos” como entes competentes para funcionalizarem as máquinas e os modos de produção sócio-econômicos garantindo, assim, a eficácia dos aparatos tecno-burocráticos dos poderes instituídos através da cadência de sua ordem monocórdica que privilegia os princípios do *ter*, a posse das coisas. Inclusive a posse dos próprios seres humanos que, nessa esfera, são reduzidos aos formatos de

seus papéis profissionais, sendo assim expropriados de si mesmos. Profissionais que, com a eficiência no cumprimento de seus papéis, garantem a eficácia da ordem estabelecida na compulsão de processos que uniformizam e coisificam. Desse modo, os seres humanos são convertidos em meros recursos, em coisa, sob os ditames da hegemonia dos poderes que operam a tecnociência e as estruturas sócio-econômicas na funcionalização das instituições sociais com seus sistemas produtivos.

Destarte, as pedagogias instrucionais instituem processos de empadronamento dos indivíduos aos estatutos de suas lógicas homogeneizantes. As diferenças são comprimidas e pretensamente diluídas para que os mesmos sejam docilizados e conformados pela uniformidade de suas lógicas. Instala-se assim, uma “pedagogia de rebanho” que pretende reduzir os indivíduos a seres bem comportados e controlados pelo aparato de suas leis e normas que aprisionam e bestializam.

A predominância dessas práticas instrucionais descamba no que podemos chamar de *caducação* da educação. Ou seja, ao denegar e comprimir a dinâmica da plasticidade do educar, como processo in-tensivo e vivo que fomenta a expressão do elã vital, as capacidades criantes dos indivíduos, as práticas instrucionais tendem a desfigurá-lo através de suas posturas homogeneizantes; tendem a se desertificar na esterilidade de seus métodos e conteúdos desprovidos de vitalidade.

03.2 - O educar como processo de fruição da Sensibilidade

Os espaços em que acontecem as ações do educar são constituídos, geoculturalmente, como entre-lugares em que os indivíduos, em sua condição biocultural, se encontram para com-partilhar e expandir as diversidades de seus saberes e sentires. São encruzilhadas mestiças em que se entrecruzam, com in-tensidade, a pluralidade de valores e de crenças dos indivíduos e grupos humanos e que potencializam fluxos tensoriais de relações dialógicas que podem enriquecer, aproximar e entrelaçar.

Esses entre-lugares fomentam a perspectiva da unidade na diversidade mediante o reconhecimento dos Sentidos humanos atinentes à singularidade de cada indivíduo e de seus grupamentos, bem como, a consciência da relevância dos processos de compartilhamentos in-tensivos das diferenças. Isso pode ocorrer através do cultivo e do cuidado para com os elos que nos agregam naquilo que é comum à nossa condição humana. Ou seja, mediante as interligações das semelhanças que nos proporcionam a coexistência como seres humanos, no garimpar as *pequenezas* e as *grandezas*, os enigmas dos tesouros da alma e do coração.

Essa compreensão do educar, em suas diversas modalidades, considera o mesmo como um rito vivo de iniciação que ocorre nesses entre-lugares como encruzilhadas em que se interpenetram os diversos saberes e sentires, as crenças e os valores que constituem os repertórios de seus protagonistas. Ferreira Santos (2004, p. 53) assevera que “a educação de sensibilidade perpassa as práticas iniciáticas à Cultura (mundo simbólico), através da cultura (no sentido agrário e hermesiano) das várias culturas (de grupos sociais num determinado espaço-tempo)”. Esses processos de iniciação podem proporcionar a afirmação das singularidades dos indivíduos e seus grupamentos e despertar o senso de interculturalidade, de com-partilhamento in-tensivo e de enriquecimento mútuo entre as diferenças.

Desse modo, podemos instalar processos de aprendizagem e de co-aprendência em que nos aprendemos uns com os outros, uns aos outros. Em que rendamos a estampa da rede in-tensiva da coexistência humana em seus tons humanizante e *ecohumanizante*. Assim, aprendemos a ser nós mesmos, na proporção em que urdimos a aprendizagem do ser-com-os-outros, em que nos aprendemos uns aos outros.

Dessa forma, o educar implica, sobretudo, uma con-vivência com o outro, efetiva e afetivamente. Con-vivência que proporciona processos in-tensivos de auto-educação, hetero-educação e de eco-educação (PINEAU, 1999). Assim, tecemos os fios da auto-educação mediante as aprendizagens do si mesmo, da autoaprendência; da hetero-educação mediante as aprendizagens coletivas com os outros seres humanos; da eco-educação no enredar as co-aprendências na teia ecossistêmica mediante nossa relação com todos seres do planeta. Nos educamos, em todas essas perspectivas, por meio da relação in-tensiva conosco mesmos e com os outros seres humanos, como também com os demais seres com os quais estamos vinculados em planos diversos, em nossa condição de seres interdependentes.

Essa perspectiva educativa se instaura na proporção em que cuidamos das dimensões anímicas do ser-sendo. Ou seja, na medida em que, de modo teórico e vivencial, garimpamos os valores primordiais do existir, com a presença coexistente da pregnância da corporeidade, dos sentires e crenças, e da altivez dos valores que plasmam a espiritualidade. Cuidar com esmero da complexidade e da inteireza dinâmica e tensorial do existir, do co-existir, de nossa *anima* (feminino) e de nosso *animus* (masculino), nos conduz a nossa condição de seres andróginos que se desborda, com suas in-tensidades, através do dinamismo relacional entre essas polaridades interpolares que constituem a incompletude da inteireza do ser.

Avento uma prática educativa que busca o cuidado primoroso com a corporeidade, em sua constituição orgânica e simbólica, como estofa que traduz a pregnância e a animicidade dos Sentidos humanos. Um cuidado que implica no trato com as afecções e energias humanas,

partindo do pentassensorial, dos cinco sentidos primários, através do cultivo e da lapidação dos mesmos em que aprendemos a cheirar, a escutar, a degustar, a olhar e a tocar com fineza as expressões dos fenômenos do existir cotidiano.

Esse trato com a corporeidade, com as expressões pregnantas do existir (emoções, sentimentos, energias...), com nossas dis-posições afetivas, com nossos estados de humor, nos leva a articular suas potencialidades de modo a proporcionar o desbordar do intersensorial e do multissensorial. Assim, os diversos sentidos perceptivos, de forma interpenetrante, aguçam e expandem o espectro de nossa sensorialidade, de nossa Sensibilidade.

Ao procurarmos cuidar da corporeidade, das afecções, afirmando suas potências que vivificam e humanizam, podemos potencializar posturas e relações imbuídas de despojamento e de simpatia que implicam, tanto nos processos de crescimento pessoal, como interpessoal, e projetam ambientes, relações e ações educativas estimuladoras e aprazíveis. Podemos instalar entre-lugares educativos em que a simpatia e a empatia nos co-movem mediante a tecelagem de teias abertas que enredam ritos de iniciação as aprendizagens da afetividade humana. Afetividade humana em suas expressões afirmadoras da cromaticidade e das in-tensidades afecionais do existir, do co-existir.

Como rito de iniciação ao advento da Sensibilidade, a ação de educar penetra nas intensidades do entramado multicolor dos símbolos mitopoéticos que plasmam nossos imaginários garimpando e se nutrendo do vigor de seus mananciais. O dinamismo das imagens, dos símbolos que estruturam o mitopoético, revela estruturas arquetípicas primordiais. Estruturas que se alojam em nossas camadas mais internas e inconscientes, marcadas pela intuição, pelas afecções do ser-sendo, por nossa memória coletiva. Desse modo, o espectro do mitopoético traduz crenças e desejos, sonhos e sentires fundos e projetam a polifonia dos Sentidos de modo implicado com o vivido/vivente mediante a potência ligante dos símbolos.

Destarte, o cultivo do imaginário simbólico, do mitopoético na ação de educar, implica no descortinar de ações iniciáticas encharcadas com o elã do imaginal, da força inspiradora e nutridora das metáforas, dos símbolos, dos feixes do mítico e do poético. Esse cultivo incide no fomentar as potencialidades criantes do espírito e da imaginação dos indivíduos na fruição da poeticidade dos fenômenos, do existir, do senso intuitivo e afecional. Dessa forma, os saberes e sentires são ruminados mediante a expressividade de suas dimensões prosáicas e poéticas em que os Sentidos são sorvidos em sua constituição polifônica e em sua implicação com a pregnância do vivido/vivente. Os feixes do mitopóético infundem, na ação de educar, estados de criação e de fruição da poeticidade do existir.

A presença da Razão-Sentido na ação de educar se traduz como possibilidade que fomenta a expressão da inquietude do espírito interrogante que desafia e problematiza os fenômenos, o existir, com seu senso vasto de com-preensão dialógica, de ponderação espirituosa, com seu tino de discernimento e com a inventividade de seu pensar encarnado.

A Razão-Sentido re-vela a altivez do espírito audacioso. Espírito que transita pelas pedras do caminho como oportunidades estimulantes, como momentos impulsionadores das buscas sequiosas de Sentidos; em que este pode se descortinar de modo altaneiro. Espírito-água que se nutre do *húmus* da terra, do telúrico, das finitudes das contingências do cotidiano, mas que alça seus vôos pelos horizontes da infinitude urânica. Que, desde dentro do visível, da imanência, da tangibilidade do existir, vislumbra e penetra pelos desvãos do invisível, da transcendência, da intangibilidade do existir.

Assim, o fulcro da Razão-Sentido projeta o pensamento interrogante que, com seu senso de criticidade, busca problematizar e discernir, compreender com radicalidade as expressões da cultura humana, os fenômenos do existir, a complexidade do educar. Uma Razão-Sentido como Razão compreensiva que escuta e dialoga, que se implica com os fenômenos, com o existir e o co-existir.

A tecedura da plasticidade da ação do educar como cuidado com a Sensibilidade supõe uma relação de coexistência entre a Ética e a Estética, a interpenetração entre o bem e o belo, a dignidade e a beleza – o *kalokagathos*. Uma ação educacional que pretende iniciar os seres humanos no advento de seu ser-sendo pregnante e anímico, opera esse entrecruzamento intensivo entre a consciência Ética e a fruição Estética. Assim, promove o cuidado com os valores primordiais da solidariedade, da justiça, da paz, da liberdade, do bem etc., e compreende que os mesmos se fragmentam e se desbotam se prescindem da delicadeza, da elegância, das estampas do belo, da fineza da beleza. Freire (1996, p. 26) realça que a prática educativa deve ser “estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”. A coexistência entre Ética e Estética traduz a busca primorosa do advento da inteireza in-tensiva do humano em seus estados de grandeza e de fineza. Busca que instaura uma morada humana tanto vistosa como benfazeja, tanto bonita quanto digna.

Como as aprendizagens das experiências apontam, essa iniciação aos territórios entrecruzados da Ética e da Estética não pode fecundar apenas na esfera estrita do plano teórico, nas articulações abstratas de saberes. Carece da iniciação teórico-vivencial, da nervura do vivido/vivente, por meio de ações desafiadoras que mobilizam conjuntamente corpo e espírito. Dessa forma, podemos nos iniciar existencialmente nessas aprendizagens anímicas. Apenas a esfera do saber teórico pode instruir e in-formar, mas não implica, de

modo geral, em processos de iniciação ao existir cotidiano, nas buscas de sabedoria. O mero saber se confina apenas às práticas instrucionais, ao âmbito funcional da técnica. Não penetra no horizonte existencial dos valores, dos Sentidos.

O cuidado com o advento dos valores humanos, da Sensibilidade, mediante os ritos vivos de iniciação, implica num processo pedagógico que se lastreia no *pathos* do amoroso. Os feixes do amoroso nos abrem e nos dis-põem para vivências in-tensivas conosco mesmos e com os outros, suscitando entrelaces que nos aproximam e que compelem aos abraços que *ecofraternizam*. A sinergia do amoroso implica na fruição dos sentires que co-movem, que jorram in-tensidade e alumbramento. A vibração do amoroso desborda a simpatia e a empatia dos laços afetivos que nos co-implicam no com-partilhar as diferenças. Assim, podemos celebrar os elos que nos unem e engrandecem, que fazem expandir o *sentimento do mundo*, a sinergia do ser-sendo-com-os-outros. Naranjo (2005, p. 155) fala de “una educación del sentimiento de humanidad”, do sentimento de co-pertencimento à humanidade.

O amor como princípio educativo, potencializa o desbordar do advento da condição humana, em suas fragilidades e limites, na vastidão de sua magnitude, no cultivo dos valores que enobrecem – da Sensibilidade; acende as flamas da alma e do coração conduzindo à floração do ser-sendo-com-os-outros no tecer o desafio da *ecofraternização*, de nosso co-pertencimento planetário – a *Ordo Amoris*. Assim, podemos ultrapassar os valores e posturas egocêntricas – o espectro da *egocidadania* – e nos enredar pelos desafios dos valores e posturas *ecocêntricas* – no espectro do *ecocidadania*. Ou seja, podemos fazer a travessia que nos leva do egoísmo que mutila e encaverna para a postura compassiva do *ecoísmo* que religa e planetariza em nossa condição de seres interdependentes.

O educar como cuidado desveloso para com a Sensibilidade implica na escuta dos silêncios e dos vazios que compõem as reentrâncias da pluriformidade do existir humano, de suas ambivalências e imponderáveis. Implica penetrar nos territórios vastos das incertezas e dos paradoxos da condição humana atravessando os flancos de seus enigmas, de suas encruzilhadas, dos abismos e das estranhezas do ser-sendo. Ser-sendo que implica nos estados do ser e do não-ser nos influxos do estar-sendo. Ser-sendo, portanto, que, em sua condição de ser em aberto, em sua *estância*, é constituído de brechas e de sendas que potencializam o seu *tornar-se*, suas metamorfoses, na in-tensidade dos movimentos que descortinam o surgimento do novo, do renovar-se; na vigência de seu estado nascente.

Como pontua Gusdorf (1995, p. 52), a educação “tem por finalidade promover o advento da humanidade no homem”, promovendo as expressões dos valores primordiais que compõem a condição humana e que afirmam a magnitude do existir. Dessa forma, o educar se

consubstancia no esmero desse cuidado com os valores humanos primordiais sedimentados pelas diversas tradições da humanidade. Valores que, na dinamicidade do existir e da cultura humana, se revelam em processos constantes de renovação e de recriação; que envidam nossas posturas como seres em aberto, como errantes e aprendentes; como seres destinados à saga do amoroso nos influxos do ser-sendo-com-os-outros, naquilo que mais nos dignifica e *embonita*, nos entrelaces do bem e do belo.

O educar como advento da Sensibilidade incide numa mirada que proporciona o admirar, o mirar contemplativo e penetrante que interpela e co-move. Resvala em nosso estado de dis-posição e de receptividade para a percepção da policromia que configura os fenômenos do existir, na compreensão mais acurada de suas curvaturas e reentrâncias, de suas opacidades e clarezas. “Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes” (NICOLESCU, 1999, p. 137). Nessa perspectiva, a dis-posição policrômica da Sensibilidade nos implica e co-implica com as in-tensidades da inteireza do ser-sendo, da condição humana, com o ecossistema. Essa mirada da Sensibilidade nos interpela e con-voca, através de nosso estado de dis-posição para o espanto, para os processos de com-partilhamento das dores e prazeres, das tristezas e alegrias que nos co-movem nas travessias do educar, nas contingências da tragicomédia humana.

Esses processos dialógicos se desdobram a partir dos mananciais de sabedorias da humanidade na afirmação de posturas que manifestam solidariedade, amorosidade e dignidade. Mas, sobretudo, busca ultrapassar os humanismos que superestimam o ser humano considerando-o como o centro do universo – o antropocentrismo – secundarizando e reduzindo os outros seres à condição de periféricos. Assim, urge instaurar a perspectiva policêntrica do *ecohumanismo* que vislumbra a relação de coexistência in-tensiva e interdependente entre os seres humanos e todos os seres do universo/pluriverso, na singularidade irredutível de cada presença, afirmando a diversidade da teia mestiça que nos une ecossistemicamente. Nessa perspectiva policêntrica, inexistem centros exclusivos e deterministas, e sim, uma teia entrelaçada em que todos os seres, cada um em sua singularidade, se constituem como coexistentes e co-determinantes. Portanto, uma cosmovisão *ecocêntrica* em que o centro se encontra em toda parte e em nenhum lugar.

Dessa forma, propugno um educar para a Sensibilidade ecológica/ecossistêmica – uma *ecosensibilidade* – que compreende a composição do dinamismo dessa rede que entrelaça todos os seres, e que, assim, pode nos levar a posturas que afirmam essa cosmovisão. Cuidar da cosmovisão *ecohumanista* implica na instauração de uma postura *ecofraternizante* em que procuramos nos fraternizar com os seres humanos e a diversidade dos seres que povoam o

cosmos com os quais somos interdependentes. Implica em ultrapassar os ditames do patriarcado ousando instaurar o *fratriarcado*, instituindo, assim, modos de relação interhumana e ecohumana inspirados no sentimento de fraternização – um *sentimento do mundo*. Sentimento que, cordialmente, reconhece e acolhe a todos, na magnitude de suas singularidades, fomentando o com-partilhamento da coexistência que *ecofraterniza* ao nos implicar e nos co-implicar uns com os outros.

Como processo que pode conduzir aos compassos de re-encantação da vida, do mundo, a ação de educar carece de invenção e de reinvenção constantes, tanto em seus modos e formas, como nos repertórios de seus conteúdos. Carece de processos que conduzam à admiração, ao espanto, que implicam em constante renovação. A alquimia desses processos de renovação supõe espíritos e corações despojados para que possam estar constantemente se recriando e se reinventando no suceder das contingências educacionais e existenciais.

A presença do senso intuitivo do existir é uma das expressões mais fecundas mediante a articulação da ação de educar como rito de iniciação na dinamização de seus processos de criação. O desvelo e a escuta do senso intuitivo, com as sutilezas de suas tonalidades e texturas internas, fomenta a imaginação criante, nos revela *insights* que proporcionam estalos espirituosos. O farejar da intuição implica no auscultar interior que leva a percepções penetrantes e que alargam a consciência compreensiva e engravidam processos inventivos impelindo a emergência do surpreendente.

A intuição, o senso intuitivo, leva a cavucar as reentrâncias e as espessuras dos fenômenos do educar penetrando em suas opacidades e imponderáveis. Permite captar indícios internos que levam a uma compreensão minuciosa das curvaturas das ações educativas. O cuidado atencioso com a intuição possibilita percepções perspicazes e sentires fundos que brotam desde dentro do dinamismo das relações entre educadores e educandos, das texturas e porosidades dos influxos das interrelações: dos gestos, dos movimentos difusos, dos silêncios, dos humores...

A percepção intuitiva capta meandros das atitudes e dos fenômenos que escapam ao senso lógico-formal tidos como aparentemente insignificantes. Meandros que, pelo primor dessa mirada, pelos estalos de seus *insights*, se configuram como aspectos e detalhes bastante relevantes para a ação de educar na perspectiva da escuta sensível, do senso com-preensivo, da manifestação da simpatia e da empatia.

O educar esmerado que conduz ao advento da Sensibilidade pode nos conduzir à compaixão que nos entrelaça uns com os outros na expressão da grandiosidade de nossos sentires, do sentimento de amorosidade. Pode suscitar o surgimento do espírito de não-

indiferença que, ao mobilizar as inquietudes da alma, manifesta perplexidade e inconformismo diante da “barbárie civilizóide” que depreda e dilapida a teia do humano e de todo o ecossistema. Esse estado de mal estar pode implicar numa indignação mobilizante que nos compele a encampar ações altruístas diante da dramaticidade dessas paisagens. Ações que se desdobram através de conspirações que operam a *juntura* de nossas aspirações altivas imbuídas dos valores da solidariedade, da dignidade, da amorosidade...

Inspirado nessa compreensão ontológica da Sensibilidade, o educar implica em ações de cunho libertário que apontam para processos heterogêneos de conquista das liberdades humanas primordiais, de ações que envidem uma transgressão inteligente dos modelos e estruturas dos poderes instituídos com seus círculos viciosos. Essas formas de poder impregnadas em nossa sociedade, como sabemos, são bastante presentes nas práticas educativas instituídas, desde suas expressões mais difusas às mais visíveis.

Desse modo, muito mais do que mera busca de saber, educar supõe busca de sabedoria na afirmação e na recriação de Sentidos que dão cromaticidade e vivacidade ao existir. As práticas educativas que se limitam ao âmbito da técnica, do saber formal, que se encerram na pragmaticidade do funcional, nos fragmentos da teia do existir e da cultura se confinam, como vimos, a meras práticas instrucionais. A ação de educar, como iniciação e como fruição da Sensibilidade, vislumbra o horizonte de Sentidos que constitui a dinamicidade das relações que estruturam a inteireza in-tensiva da teia do humano, do inter-humano.

O fenômeno do educar como rito de iniciação ao advento dos Sentidos humanos, mediante os fulcros estruturantes do Mitopoético, da Razão-Sentido, da Corporeidade, da Afetividade e da Intuição, vislumbra a compreensão e a vivência da inteireza in-tensiva do ser-sendo; instala processos de compreensão e de vivenciação dos Sentidos que implicam na expressão pregnante e anímica de nosso ser andrógino, no enxerto de suas ambigüidades e das simbioses de suas polifonias; implica no cuidado do ser-sendo como *poiesis* que se borda e se desborda, com seu *pathos* criante, nas in-tensidades dos feixes das contingências. Assim, diante da plasticidade plurívoca dos fenômenos do existir, podemos incrementar um educar para o espanto e para perplexidade, para a inventividade e para a amorosidade, no urdir das aprendizagens e das co-aprendências que vicejam o humano.

Avento um ato de educar que se configura como educação *pática* (*pathos*), que se plasma como processo de sedução – *se-ducere* – em que educandos e educadores são convocados pela simpatia e pela empatia que os fascina e os entrelaça. Como *se-ducere* (BÁRCENA, 2004), o educar se associa ao mexer alquímico do tacho que infunde um gosto/sabor que enfeitiça, se tornando, assim, uma ação entusiasmante e *humanada* que

desborda processos de encantação e de re-encantação. Dessa forma, os estados de sedução implicam na qualidade de experiências que podem resvalar na alquimia da fruição dos valores supremados que robustecem os Sentidos do humano; que podem instalar, de forma prazenteira, relações educativas *animadas* através de processos de fruição e de criação encharcados das *humidades* do existir. Uma educação *pática*, imbuída de afetividade, que faz desbordar os feixes do amoroso, que potencializa a aventura da coexistência *ecofraternizante*.

O *pathos* do entusiasmo decorrente do *se-ducere*, mediante a interligação do apolíneo e do dionisíaco, da lucidez e da ludicidade, dos pensares e dos sentires, nos co-move e convida aos desafios das sendas do extraordinário; faz despontar as in-tensidades dos Sentidos existenciais que infundem encantação e re-encantação ao existir humano e ao co-existir planetário. O elã criante do *pathos* erotiza o educar, a relação com os saberes e sentires, os processos de aprendizagem e de co-aprendência, podendo vicejar o humano na *transitude* de suas travessias mestiças; instala os feixes do estésico que dão graça e contornam o admirável. Freire (1996, p. 160) arremata: “Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Portanto, um educar que fascina e co-move desbordando admiração e contenteza se converte em rito de iniciação que leva a celebração da vida

Nesse universo compreensivo, o educar como cuidado e como fruição da Sensibilidade implica no advento dos Sentidos anímicos do humano compreendendo esse cuidado em sua conotação mais enraizada que se traduz em cura. Assim, o educar pode ser considerado como *ação terapêutica* na direção de *condução* que implica nos fluxos constantes de nascimentos e de re-nascimentos do ser-sendo, de iniciações contínuas aos Sentidos anímicos do existir que conduzem a alma e o coração para a aventura do ser-sendo-no-mundo-com-os-outros.

Um educar que implica no cuidar do estado de dis-posição de nossos sentidos afecionais e noéticos, da inteireza in-tensiva de nosso ser andrógino para a expressão do *pathos* criante, do elã vital; que implica na afinação do *sentimento do mundo*, da fruição da *anima mundi*, da *simpatia do todo*, em que podemos aprender a cuidar, com primor, da *harmonia conflitual* que constitui nosso co-pertencimento planetário. Um educar que compele ao cuidado esmerado de nossa condição de pontes (*pontifex*) no dinamismo e na heterogeneidade da teia ecossistêmica; de nossa condição de seres *êntricos*, interdependentes.

Enfim, como processo de fruição da Sensibilidade, o fenômeno do educar, ao nos conduzir à relação de coexistência entre a Ética e a Estética, potencializa a busca de sabedoria que entrelaça a dignidade e a beleza; faz desbordar as in-tensidades da policromia dos feixes *arco-íricos* que constituem as ambigüidades e as curvaturas, os paradoxos e os enigmas das sagas do existir e do co-existir humanos.

04. Arremates inconcludentes: por uma pedagogia do encantamento

Concebo o estado de encantamento, com seus matizes pedagógicos, em sua expressão de entusiasmo e de apaixonamento, de contenteza e de alumbramento, como expressão das intensidades existenciais em que jorra o elã do *pathos* que co-move e con-voca; que, assim, faz despontar o espanto e a admiração impulsionando a imaginação e o espírito criantes. Portanto, não me refiro a um estado de encantamento que se confina apenas na sua expressão de deslumbramento como mero desbunde extático, como mera borbulhação espumante que pode anestesiar e cegar, que se dissolve em si mesmo.

Nesse horizonte, compreendo o encantamento como um estado constituído a partir de um “enraizamento dinâmico” e que se enrama em processos in-tensivos de fruição e de criação através de ações pedagógicas tocadas com apaixonamento e audácia. Ações que revelam estados de inquietude, de mobilidade e de implicação. Assim, um encantamento que agrega e interpenetra a pregnância da corporeidade, do dionisíaco, e a animosidade da espiritualidade, do apolíneo.

Encantamento como expressão do estado de jorrância do impulso vital, do *pathos* criante, dos feixes da *anima mundi*, do *logos spermatikós*; como estado de humor que infunde *animação* ao existir nos co-movendo e nos con-vocando para os desafios das ações altaneiras. Estado que emerge das fontes e das nascentes inspiradoras do onírico, do imaginário mitopoético, com a plasticidade de suas potências mobilizadoras de nossos sentires e desejos; que nos precipita nas in-tensidades das ações matizadas de irreverência e de transgressividade.

O dinamismo da plasticidade do estado de encantamento constela as centelhas do entusiasmo que nos inspiram e irradiam. Como foco irradiante, o estado de encantamento nos toca e arrebatada, de modo penetrante. Compele o corpo e a alma às aventuras e travessias de espantamento do extraordinário com seu vigor seminal. Parodiando Espinosa, quanto mais prazer e radiância, mais fruição e criação.

Estado de encantamento que se traduz num estado de êxtase, no extático, com seu dinamismo mobilizante, e não como estado estático que anestesia e imobiliza. Assim, uma Pedagogia do Encantamento que articula o educar como fruição da *poiesis*, como fazer sensível e criante, imbuído de inventividade e que conduz a novos lugares, entre-lugares e Sentidos. Que faz jorrar o estésico, o admirável, numa relação de coexistência e de co-implicação originária e originante com os fenômenos, com o existir no ser-sendo-com-os-outros; que entrelaça a Ética e a Estética, o bem e o belo.

Avento uma Pedagogia do Encantamento que, como expressão orgânica das intensidades da cotidianidade do educar, afirma a conflitividade do viver, que revela os fluxos tensoriais inerentes à ação do educar e que dão vivacidade à mesma. Uma Pedagogia errante, *itinerrante*, e, portanto, aprendente, ao singrar a aventura das sagas recurvadas da *transitude* do educar. Assim, concebo que é de suas in-tensidades e instabilidades que podem emergir aprendizagens e co-aprendizagens que tocam fundo com a força motriz/matriz do *pathos* criante. *Pathos* que impulsiona ações educativas germinais que renovam os Sentidos humanos, que instituem o extraordinário com seu elã vivificador.

Uma Pedagogia do Encantamento que, cravada na nervura do vivido/vivente, inspirada nas inquietudes do *daimon*, se faz interrogante na radicalidade do pensamento problematizador, do espírito que medita e cria; que, de modo entusiasmante, interpenetra o lúcido e o lúdico, a prosa e a poesia. Que, assim, impulsiona a dis-posição para o aberto atravessando as ambivalências e ambigüidades do ser-sendo nas in-tensidades da *tragicomicidade* dos acontecimentos humanos; que entrecruza caos e cosmos, desordem e ordem, operando o dinamismo do jogo que envolve os processos de criação. Pedagogia do Encantamento que compreende o educar como esse rito vivo de iniciação aos paradoxos e enigmas do humano, às ambivalências e incertezas da condição humana.

Nesse horizonte compreensivo, avento uma Pedagogia do Encantamento que compreende o educar como *se-ducere*, como sedução que fascina e impulsiona o advento do estado da admiração e do espanto mobilizadores, de conteneza e de prazerosidade. Estado que constela momentos educativos supremados em que o espírito e o coração, entrelaçados, podem garimpar a busca da sabedoria, a fruição da beleza. Uma Pedagogia do Encantamento como fruição e como celebração dos Sentidos pregnantes e anímicos do existir, do co-existir, que se descortina *arco-írica* nas estampas da policromia dos Sentidos humanos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962
- ARISTÓTELES. *Tratado del alma*. Buenos Aires: Librería El Ateneo, [19__].
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- BARBIER, René. A escuta sensível na Educação. *Cadernos ANPED*. Porto Alegre: N. 05, Set., p. 187-216, 1993.

- BARBIER, René. O educador que trabalha na formação de adultos como homem do futuro. In: ÁRIES, José et al. *O homem do futuro: um ser em construção*. São Paulo: Triom, 2001, p. 119-153.
- BÁRCENA, Fernando. *El delirio de las palabras: ensayo para una poética del comienzo*. Barcelona: Herder, 2004.
- BERGSON, Henri. *Conferência; O pensamento e o movente*. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- BRANDÃO, Junito. *Dicionário mitico-etimológico*. Vols. I e II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- BYINGTON, Carlos Amadeu B. *Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1996.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- COLLI, Giorgio. *O nascimento da Filosofia*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996a.
- DEBESSE, Maurice e MIALARET, Gaston. *Tratado das Ciências pedagógicas I*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1974.
- DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 1999.
- DESCARTES. Discurso do método; As paixões da alma; Meditações; Objeções e respostas. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ESPINOSA, Baruch de. Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- FERREIRA SANTOS, Marcos. *Crepusculário*. São Paulo: Zouk, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FULLAT, Octavi. *Filosofias da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GALEFFI, Dante Augusto. *Filosofar e educar*. Salvador: Quarteto, 2003.
- GURMENDEZ, Carlos. *Teoria de los sentimientos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

- GUSDORF, Georges. *Profesores para que?: para uma Pedagogia da Pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Ed. 70, 1980.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como póiesis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2001b.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MUNDURUKU, Daniel. *O banquete dos deuses*. São Paulo: Angra, 2002.
- NARANJO, Cláudio. *Cambiar la educación para cambiar el mundo*. Vitória-Gastiez (Espanha): Ed. La Llave, 2005.
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- NIETZSCHE. *Obras incompletas: o nascimento da tragédia no espírito da música; humano, demasiado humano; aurora; a gaia ciência; assim falou Zaratustra*. Vol. I Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987a.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas: a filosofia na época trágica dos gregos; para além do bem e do mal; para a genealogia da moral; o anticristo; ecce homo*. Vol. II. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987b.
- ORTIZ-OSÉS, Andrés. *Visiones del mundo: interpretaciones del sentido*. Bilbao: Univ. de Deusto, 1995.
- ORTIZ-OSÉS, Andrés. *Amor y sentido: una hermenéutica simbólica*. Barcelona: Anthropos, 2003.
- PINEAU, Gaston. *A autoformação no decurso da vida*. Disponível em: <<http://www.cetrans.futuro.usp.br/pineau.htm>> Acesso em 30.09.1999.

SCHILLER. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SWIMME, Brian. *O universo é um dragão verde*. São Paulo: Cultrix, 1991.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *A razão contraditória: Ciências e Filosofias modernas; o pensamento do complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

ZUKAV, Gary. *A morada da alma*. São Paulo: Cultrix, 1992.